

## **CAPAS DE FOLHETOS DE CORDEL E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA ABORDAGEM MULTIMODAL**

Rodrigo Nunes da Silva; Linduarte Pereira Rodrigues

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: [rodryggonunes22@gmail.com](mailto:rodryggonunes22@gmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: [linduartepr@gmail.com](mailto:linduartepr@gmail.com)

**Resumo:** Toda imagem possui um caráter polissêmico, geradora de múltiplos sentidos. As capas de folhetos de cordel, tradicionalmente, apresentam-se em xilogravura, uma arte popular medieval da cultura portuguesa que se desenvolveu no Brasil, mas há também, principalmente com o desenvolvimento do cordel pedagógico, a utilização de desenhos, fotografias, etc. O uso de tais imagens permite o desenvolvimento de uma carga semântica riquíssima para compreensão da mensagem/discurso que o poeta popular quer transmitir com o texto do folheto. Diante disso, o trabalho em foco aponta para o fato de que as imagens das capas dos folhetos de feira refletem uma visão de mundo, identidade e memória, uma antecipação da leitura do folheto que, muitas vezes, é ignorada na escola. Diante disso, propõem-se discutir o trabalho com memória, identidade e imaginário nas aulas de Língua Materna, a partir das orientações dos documentos oficiais em Educação, atentando para os elementos extralinguísticos que possam estar vinculados aos efeitos de produção de sentido nas capas dos folhetos. Para isso, foram coletadas imagens de capas de folhetos de cordel que compuseram o *corpus* da pesquisa, advindas principalmente da biblioteca Átila Almeida – UEPB. Como suporte teórico, partiu-se das leituras efetuadas em Rodrigues (2006; 2011) sobre os folhetos de feira; as ideias de Bakhtin/Voloshinov (2004) acerca dos gêneros do discurso e da linguagem; os conceitos de práticas e processos de letramento defendidos por Street (2014); os estudos do Imaginário a partir de Rodrigues (2014); e identidade a partir de Hall (1997). Buscou-se também suporte nos documentos oficiais (PCN, BRASIL, 1998) que trazem orientações sobre o trabalho com leitura em sala de aula, levando em consideração o contexto local como perspectiva de ensino e as tradições orais de transmissão cultural (GERALDI, 2010), entre outros. A pesquisa revelou que o professor pode levar para sala de aula atividades com o intuito de fazer o aluno se desenvolver como leitor que pratica a leitura numa concepção ampla, discursiva, dialógica. Evidenciou-se o fato de que é possível aproximar o discurso proferido na capa dos folhetos de feira ao universo de experiência dos leitores, através do incentivo à exploração de suas memórias, por meio de outros textos que fazem relação. Com vistas a atravessar a realidade do alunado, pode-se trabalhar de forma a conscientizar os alunos e a comunidade escolar sobre um conceito de leitura que permita ir além do caráter informacional trazido pelo folheto de feira. Dessa forma, fica visível que as imagens das capas dos folhetos de cordel trazem a abertura de leituras significativas e pode ser a porta de entrada para um trabalho que gere conhecimentos discursivos a partir dos multiletramentos, aspectos semióticos importantes para o aperfeiçoamento linguístico do leitor em processo de formação escolar.

**Palavras-chave:** Ensino de língua materna, folhetos de cordel, multimodalidade.

### **1 INTRODUÇÃO**

Na atualidade, fala-se em crise do sistema educacional. Na área de Letras/Linguística, figuram estudos que buscam repensar o modo de resolver os principais problemas e melhorar o ensino de língua, elevando o nível de desempenho linguístico em modalidades oral e escrita de cidadãos brasileiros quanto à utilização da língua materna. Apesar de avanços significativos no campo dos estudos linguísticos, pesquisas recentes demonstram que muitas práticas de ensino de língua ainda precisam ser revisitadas.

Um dos grandes desafios é a superação de práticas de leitura inoperantes em sala de aula. Entendemos o leitor a partir da perspectiva bakhtiniana, aquele que é “responsivo”, que interage e

se comunica. Por isso, os novos estudos dos multiletramentos na escola discutem como os professores podem elaborar propostas de ensino com vistas a desenvolver nos alunos habilidades de leitura crítica, observando os fenômenos linguísticos e a produção de textos multissemióticos, relacionando a pedagogia dos multiletramentos, da diversidade cultural e de linguagens no contexto escolar. Diante do exposto, destaca-se que a formação de leitores fluentes é um dos objetivos mais caros ao professor que atua com o ensino de língua materna. Mas como definir um leitor crítico?

Podemos dizer que as linguagens se tornaram multimodais. Segundo os PCN (BRASIL, 1998, p.5), “a principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido”. Os textos, entendidos como unidades linguísticas que organizam a lógica da comunicação são tomados como objetos que produzem sentidos a partir da interação entre os interlocutores. Deles devem partir as construções de efeito de sentido e de reconstrução da linguagem, tendo em vista o contexto social em que são veiculados. Faz-se necessário pensar em medidas específicas para cada contexto e região. Um projeto de leitura na região Nordeste, por exemplo, não pode se “despregar” das tradições orais de transmissão cultural (GERALDI, 2010).

Percebe-se que o trabalho com folhetos de cordel vem ganhando espaço nos projetos pedagógicos pelo fato dessa manifestação artística da cultura popular entremear e manter uma relação de interdependência entre o contexto social e o literário, entre o erudito e o popular, o que ocasiona o despertar do interesse dos alunos para aspectos de sua realidade. Portanto, nosso objetivo geral é apresentar uma possibilidade de letramento na aula de Língua Materna que contemple um trabalho com imagens de capas de folhetos de cordel para o desenvolvimento de abordagens de reflexão sobre a língua(gem), perpassando pelos estudos de memória, identidade e imaginário. Para tanto, analisamos imagens de capas de folhetos de cordel, identificando os efeitos de sentido e os discursos que configuram a identidade sociocultural e histórica, memória e imaginário, apresentando-o como uma possibilidade de letramento escolar para as práticas e eventos educativos, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa.

O trabalho se caracteriza como sendo de natureza descritiva e interpretativa, orientando-se por uma abordagem qualitativa. Realizamos uma pesquisa exploratória, documental (documentos primários) e bibliográfica, fazendo um levantamento inicial de trinta folhetos (*corpus*), pesquisados na biblioteca Átila Almeida (UEPB). Em seguida, visando o presente trabalho, selecionamos um recorte para empreendimento de análise. Baseamo-nos nas leituras efetuadas em Rodrigues (2006; 2011), Bakhtin/Voloshinov (2004), Street (2014), Hall (1997) e nos documentos oficiais (PCN, BRASIL, 1998).

Diante disso, o trabalho aponta para o fato de que as imagens das capas dos folhetos de feira refletem uma visão de mundo, identidade e memória, uma antecipação da leitura do folheto, que não pode ser ignorada pela escola. Partimos da assertiva de que o uso de imagens permite o desenvolvimento de uma carga semântica riquíssima para compreensão da mensagem/discurso que o poeta popular quer transmitir com o texto do folheto.

Encontramos nas imagens de capa dos folhetos de cordel todo um arranjo visual, cores, figuras, desenhos, a diagramação, o tipo de papel, que contribuem para o entendimento da mensagem que o poeta popular almeja transmitir, podendo ser a porta de entrada para um trabalho que gere conhecimentos discursivos a partir dos multiletramentos, aspectos semióticos importantes para o aperfeiçoamento linguístico do leitor em processo de formação escolar.

## **2 LEITURA, MULTI(LETRAMENTOS) E MULTIMODALIDADE**

Atualmente, as práticas de letramento presentes em muitas escolas não contribuem para o desenvolvimento de leitores críticos e participativos na sociedade, uma vez que, muitas vezes, não transitam pelas diversas práticas sociais em que a leitura e escrita são demandadas (ROJO, 2009, p.107). Autores como Geraldini (2010) defendem que à política de expansão de leitura se faz necessário acoplar um trabalho de formação docente, para debater as demandas de letramentos da contemporaneidade.

De acordo com os PCN (BRASIL, 1998, p.69), compreende-se que

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência.

Conforme Rodrigues (2011), entendemos que o texto vai além de seu suporte verbal ou vocal, envolvendo aspectos que estão no seu exterior, condizentes ao universo contextual, o que nos faz entender a leitura como um ato de *performance* que vai além de uma simples leitura individual. Assim, tomamos emprestado de Rodrigues (2012, p.638) a ideia de que

[...] a leitura não se dá simplesmente através da palavra escrita, mas também das 'expressões simbólicas', [...] a leitura é um processo que integra autor e leitor, um Eu que

se faz o Outro na medida em que trabalha pela coerência necessária para o entendimento do texto.

Faz-se necessário uma reflexão sobre a realidade social do sujeito leitor e sobre as práticas de leitura por ele realizadas. Com isso, iremos trilhar por um caminho no qual se reconhece a leitura para além de uma atividade cognitiva ou intelectual, inserida em práticas sociais situadas.

Os estudos dos multiletramentos perpassam pela busca de explicações/descrições sobre um fenômeno com interesse social. Lembremos que hoje o letramento é visto e praticado dentro de um quadro de aprendizagem, ensino e escolarização (STREET, 2014, p.117): o letramento escolar.

Observa-se que no contexto escolar, o letramento, como prática de imposição de códigos a partir do codificar e recodificar letras e números, não surte efeitos satisfatórios, por estar desvinculado das práticas e usos sociais efetivos (MACÁRIO e RODRIGUES, 2014). Apesar disso, tal prática ainda é corriqueira em grande parte das escolas. Por outro lado, o letramento como prática social busca a formação de um leitor competente que saiba extrapolar o campo textual, permitindo múltiplas leituras do discurso instaurado.

A cultura local de um povo deve fazer parte do cotidiano das escolas. Nesse sentido, Rodrigues (2014, p.108) diz que em grande parte das escolas não há o interesse “pelo letramento enquanto prática social, mas pelo letramento como imposição de uma tecnologia de códigos que se prestam à elaboração de textos e sua reprodução sem nenhuma função social, isto é, a alfabetização”. O autor se apega as ideias de Street (2014) ao discorrer sobre um modelo de letramento aproximado do ideal, o ideológico, o qual chama de “modelo de letramento melhorado e que objetiva ser a luz que iluminará as coordenadas do educador comprometido com um trabalho voltado para práticas plurais de letramento” (RODRIGUES, 2014, p.108).

A partir das novas demandas de ensino se faz necessário planejar atividades de leitura numa perspectiva ampla, dialógica, levando em consideração os aspectos multimodais encontrados nos gêneros textuais que circulam na comunidade local. Isso possibilitará aos alunos encararem os (multi)letramentos emergentes e revisitar aquelas que possuem raízes culturais, ressignificando atividades corriqueiras de leitura através de uma “atitude responsiva ativa” (BAKHTIN, 2004).

Conforme Van Leeuwen (2011, p.668), entendemos a multimodalidade num contexto em que a produção de sentidos é realizada socialmente, referindo-se ao “uso integrado de diferentes recursos comunicativos, em textos multimodais e eventos comunicativos”. A integração entre os elementos verbais e não verbais, imagem e texto, assumem funções distintas que colaboram na compreensão comunicativa. Logo, por essência, podemos afirmar que não existe texto

“monomodal”, uma vez que somente o uso da linguagem verbal se mostra insuficiente para a compreensão dos sentidos representados por um gênero textual. É caso do cordel, constrói imagens da realidade, do mundo real em suas imagens de capas, destacando e omitindo detalhes intencionalmente, criando símbolos e modificando-os por meio do discurso.

Entendemos que ao tentar conciliar a leitura com a realidade cultural discente, numa perspectiva local de ensino, estaremos transitando pelos letramentos multissemióticos (ROJO, 2009), ampliando a discussão sobre o cotidiano para além da modalidade verbal. A imagem, o desenho e todo arranjo visual da capa de um folheto de cordel leva o aluno a se inserir numa prática de letramento que se diferencia da comumente encontrada na escola. O resultado pode ser o desenvolvimento de competências básicas para lidar com a leitura de forma crítica e participativa, uma vez que se desenvolverá “numa nova estratégia de produzir sentido” (ROJO, 2012, p.85).

### **3 IDENTIDADE CULTURAL, MEMÓRIA E IMAGINÁRIO POPULAR**

A identidade cultural pode ser definida como o conjunto de relações sociais que envolvem patrimônios simbólicos, valores, modos de viver, entre outros elementos compartilhados por um povo que vê o mundo de uma forma, identificando-se através de suas manifestações culturais. Nesse momento de “reconfiguração do contemporâneo”, levar temas que ressaltem a identidade dos sujeitos em sala de aula é extremamente relevante, pois se vivencia a realidade local, demonstrando formas de conceber o mundo, maneiras e costumes de agir e viver, com vistas à valorização da própria cultural e do modo de pensar do outro.

Para Hall (1997), o estudo da identidade e da cultura de um povo rompe com a identificação de objeto, tomando o termo cultura como uma prática de sentido que atua na produção de significados, revelado pelas múltiplas constituições que formam a cultura de um povo e suas relações sociais. Para o autor (1997, p.6), a cultura

[...] não pode mais ser estudada como uma variável sem importância, secundária e dependente em relação ao que faz o mundo mover-se; tem de ser vista como algo fundamental, constitutivo, determinando tanto a forma como o caráter deste movimento, bem como a sua vida interior.

Na sala de aula, as vivências e aprendizagens intersubjetivas dos alunos se relacionam com a dimensão social de identidade deles no momento de interação. Por isso, é de fundamental importância o trabalho com atividades reflexivas que possam levá-los a compreender e valorizar a

sua formação identitária, com um olhar para os variados aspectos culturais da região em que se aplica, uma vez que o sujeito aluno é ao mesmo tempo transformado e também agente transformador do sistema cultural em que está inserido.

Tomando o registro como uma prática sociocultural de memória, Rodrigues (2011, p.161) afirma que um documento pode ser considerado um monumento atrelado ao tempo, ao espaço cultural e a práticas discursivas de “ideologias de memórias”. Segundo o autor, “a memória foi sendo instituída na sociedade enquanto patrimônio”. Dessa forma, o valor documental de um objeto, seja ele material ou imaterial, é um meio de interação entre os sujeitos sociais que atribuem um valor de “verdade” a determinado documento a partir da cultura do grupo social em que o sujeito está inserido. Como exemplo, Rodrigues (2011, p.104) destaca as narrativas de cordel.

O cordel é um ‘monumento’ de uma cultura imaterial. Comprova o poder simbólico da letra como reconstrução – memória – do invisível que é a voz. As palavras são monumentos, visto que a língua revela-se como um conflito entre o fluxo oral (líquido) performativo, marcador da diversidade; e o registro impresso, que dificilmente se apaga. Daí, a relação com o monumento. A letra é memória das vozes e, por isso, nunca exata.

O cordel é um exemplo típico de documento/monumento das vozes e escrituras – que deve ser entendido como “monumento linguístico”: um arquivo da memória coletiva que permite estudarmos as performances do sujeito de uma dada região. Como a memória depende da estrutura social, promotora de imagens, os sujeitos cordelistas e xilógrafos assumem vozes apropriadas ao “tempo-espaço de atuação dos sujeitos, dos objetos e dos valores que surgem dessa relação” (RODRIGUES, 2011, p.139). Nesse sentido, as narrativas e histórias dão sentido as nossas vidas ao se tornarem suportes da memória coletiva e individual (HALBWACHS, 2006).

O povo da região Nordeste acaba por recorrer às tradições populares e ao imaginário popular para reafirmar sua identidade cultural. Por isso, falar do imaginário de um povo sugere levar em consideração a história e a cultura, isto é, crenças e costumes de uma sociedade que fazem transparecer representações e símbolos que ligam e religam o passado com o presente. Com tal consideração, reafirmamos que o cordel traz, através de seus mais variados temas, representações do imaginário popular e da cultura popular do homem identificado e figurativizado em suas narrativas, perpassando pelas vias transitórias da constituição de uma visão de mundo já arquitetada, além de revelar uma maneira de ser comum aos sujeitos que pertencem ao lugar, materializando-se no local como forma de memória viva.

#### **4 CORDEL E ENSINO DE LINGUAGENS**

Defendemos que o cordel é um importante instrumento de representação da memória popular, revelando “retratos” de uma região e de uma sociedade. O cordel descreve, de maneira significativa, valores, crenças e costumes de um povo em contato com o meio social, a cultural regional e a história que dá coerência aos seus atos e o faz conhecedor das coisas de um mundo.

Como vimos, Rodrigues (2006; 2011) argumenta que o cordel atua como instrumento de uma memória coletiva através do desenvolvimento de temas que envolvem heroísmo, o sagrado, histórias míticas/místicas e lendárias, que perpassam e entrelaçam o real e o ficcional. Para ele, observa-se nesta expressão linguístico-literário grande variedade de temas, tradicionais ou contemporâneos, que refletem a vivência popular, desde os problemas atuais até a conservação de narrativas inspiradas no imaginário do povo e proveniente da cultura oral.

Atualmente, o cordel conserva, enquanto narrativa, características de origem, como a função de educar e divertir, fazendo uso de temas do cotidiano atual como pano de fundo. No Nordeste, as crianças fazem uso do cordel e outros gêneros textuais, lendo e escrevendo, muito antes de frequentarem a escola. Entendemos que a utilização do cordel em eventos de letramento escolar permite a realização de práticas pedagógicas exitosas. Esse tipo de manifestação artístico-popular constrói uma trama que articula símbolos de identidades, símbolos de experiências e trocas com as diversas camadas da sociedade.

Diante do apresentado, observa-se que um projeto de leitura não pode deixar de levar em consideração fatores ligados a realidade social dos educandos. Para Geraldi (2010), a atividade docente deve se vincular as atividades de leitura que perpassam pelas tradições orais de transmissão cultural. Por essa razão, levar folhetos de cordel para sala de aula é enriquecer este ambiente através de um gênero textual que possui uma linguagem próxima dos seus usuários, revelando um vocabulário típico, cujo conteúdo semântico é expressivo e peculiar. Isso permite um trabalho interdisciplinar processual, trazendo a possibilidade de encontrar na sua riqueza temática uma prática eficaz de letramento, com tendência à formação de leitores competentes, aqueles que conseguem estabelecer estratégias adequadas para abordagem dos textos que circulam na sociedade, percebendo o que se diz nas entrelinhas, levantando os elementos implícitos e relacionado o texto (verbal e não verbal) com seus conhecimentos prévios (BRASIL/PCN, 1998, p.70).

#### 4.1 ABORDAGEM MULTIMODAL EM CAPAS DE FOLHETOS DE CORDEL: MODOS DE FAZER

As capas de folhetos de cordel, tradicionalmente, se apresentam em xilogravura, uma arte popular medieval da cultura portuguesa que se desenvolveu no Brasil, mas há também, principalmente com o desenvolvimento do cordel pedagógico, a utilização de desenhos, fotografias, etc., como no caso da figura 1. O uso de tais imagens permite o desenvolvimento de uma carga semântica riquíssima para compreensão da mensagem/discurso que o poeta quer transmitir com o texto do folheto.

**Figura 1.** Capa do cordel “A pós-modernidade ou um mundo desacunhado”



**Fonte:** Acervo pessoal do pesquisador

Na capa do cordel “A pós-modernidade ou um mundo desacunhado”, de Tiago Marinho, (2011, s/l), encontramos um exemplo típico de imagem que reflete uma visão de mundo, identidade, memória e representação. De início, cabe uma reflexão da capa do folheto. Toda imagem possui um caráter polissêmico, geradora de múltiplos sentidos. Durante uma atividade de leitura da imagem, o leitor pode criar diferentes efeitos de sentido e ao mesmo tempo pode ignorar outros. Isso acontece pelo fato de que cada leitor possui conhecimentos prévios distintos, relacionados através de um processo de referenciação e atualização do discurso pela linguagem.

No desenho da capa, observamos a figurativização do demônio sentado numa ampulheta e “brincando” com o planeta Terra como se brinca com um ioiô. Do planeta terra sai fumaça e cai uma tempestade (raios e trovões), referência a um mundo caótico, em crise, “desacunhado”. O termo desacunhado, presente no título do folheto, mostra o universo vocabular em que o poeta se

encontra inserido e a que público ele contempla com sua obra. O termo faz referência àquilo que está em desordem, desalinhado, desmantelado, desarranjado, desconjuntado. A ampulheta traz o sentido do tempo que passa fluidamente, dos medos com relação ao futuro de um sujeito histórico. Há lixo no cenário: um celular, uma garrafa de bebida alcoólica, uma TV. Uma das principais características do pós-modernismo é, sem dúvida, a explosão tecnológica e conseqüentemente a facilidade de comunicação e disseminação de informações. Contudo, a imagem faz pensar nos pontos negativos desse “avanço tecnológico”. Nos dramas, perigos e riscos enfrentados pelos viciados em drogas, por aqueles que não encontram sentido para vida contemporânea.

O demônio se encontra na mesma posição de uma das mais famosas esculturas do escultor francês Auguste Rodin (O pensador), que retrata um homem em meditação. O demônio, enquanto fuma um cigarro, pensativo, observa atentamente o planeta Terra. Configura-se possuindo dois chifres, asas de morcego e rabo pontiagudo, oferecendo recurso para retomada de memórias coletivas cristalizadas a respeito da figura do diabo no discurso religioso cristão: o maior e originador do mal, que aparece revestido de muitas características da condição humana. É como se a pós-modernidade fosse dirigida por ele e as mudanças, crises, conflitos e atritos gerassem algo não produtivo, desordem, confusão. Tema produtivo para debate no meio escolar. Percebe-se que atualmente, diante da correria da vida e seus atropelos, do alto índice de violência, da corrupção de valores econômicos e princípios éticos, entre outros fatores, o poeta popular se posta como um neocordelista, denunciando a hipocrisia e os valores anticristãos. Observe as figuras:

**Figuras 2, 3 e 4:** Imagens das capas dos folhetos “ABC do Nordeste flagelado”, “Seca, fome e miséria...” e “As ignorâncias de Seu Lunga”



Fonte: Átila Almeida – UEPB.

Nas imagens das capas dos folhetos destacados percebemos um homem de joelhos na terra seca, em forma de súplica, referência à atitude do homem da região, que não tendo a quem recorrer vê em Deus sua única esperança por dias melhores (discurso religioso). Já a capa do folheto posterior apresenta duas crianças estirando as mãos suplicando ajuda, além de cactos e um sol brilhante. Os cactos representam “candelabros”, que no imaginário popular se apresentam como objetos que buscam iluminar o que está nas trevas, oculto, ou seja, o sofrimento do povo. A imagem traz a denúncia da realidade cruel, de exclusão e miséria, de revolta dos fenômenos naturais sobre o homem fragilizado, mas acima de tudo, de fé.

A capa do folheto “As ignorâncias de Seu Lunga”, apresenta objetos que fazem referência à representação do homem da região: o chapéu, sobralhas franzidas, camisa desabotoada, o bigode, etc. As histórias de Seu Lunga expressam a vida e a figura do homem que vive na região Nordeste, atrelado a uma cultura colonial preservada, de forma rudimentar, evidenciando a nordestinidade.

Vê-se, assim, que o professor pode levar para sala de aula atividades de leitura com o intuito de fazer o aluno desenvolver-se como leitor que pratica a leitura numa concepção ampla, discursiva, dialógica. Como observado, pode aproximar o discurso proferido na capa ao universo de experiência dos leitores. Dessa forma, fica evidente que assim como outros textos, os folhetos selecionados para essa amostra de nossas pesquisas permitem a abertura de temas significativos e podem ser ponte para um trabalho que gere conhecimentos discursivos múltiplos, importantes para a formação do leitor em processo de formação escolar.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos desafios encontrados pelos professores, principalmente da educação básica, advindos das necessidades da sociedade pós-moderna, em que há rupturas de paradigmas, confrontos/conflitos de gerações, faz-se necessário pensar em novas possibilidades de ensino-aprendizagem e a reformulação de práticas pedagógicas para que se possa elaborar um Currículo escolar que leve em consideração políticas de inclusão, tendo em vista o contexto das novas gerações que necessitam de um novo fazer pedagógico.

Nosso trabalho adentra nesse cenário como forma de subsidiar e fomentar propostas para superar a consciência de que o ato de ler é apenas um mero processo de decodificação que se volta para uma concepção de língua como estrutura. Apresentamos uma possibilidade de letramento

escolar, levando em consideração a memória, identidade e imaginário de nossa região nas aulas de língua materna, tendo em vista as diversas transformações que ocorrem na vida social dos sujeitos.

Vimos que as práticas de letramento mediadas por folhetos de cordel ocorrem através de atividades variadas e multifacetadas, que decorrem de forma prazerosa, pelo fato de essa forma de expressão popular ter como marca a tradição oral, o humor, entre outros aspectos necessários ao desenvolvimento de práticas exitosas que motivem os alunos para uma aprendizagem satisfatória. As imagens de capas dos folhetos analisados refletem uma visão de mundo, identidade e memória. Trata-se de uma antecipação da leitura do folheto, bastante sugestiva, por retratar um cenário típico do discurso pós-moderno, religioso, servindo de referência e representação do homem da região em que se aplica a proposta.

Dessa forma, fica evidente que a leitura das imagens de capas dos folhetos de cordel, mediante eventos de letramento aplicados ao ensino de língua(gem), permite percorrer a dimensão social do sujeito leitor, uma vez que os alunos podem estabelecer conexões com outros textos e com a própria vida, valorizando a identidade coletiva. Isso faz com que ele se torne protagonista de sua história. Assim, a proposta encontra seu valor nas práticas educativas da região Nordeste que a educação básica poderá agenciar em prol de um letramento escolar.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino Fundamental de Língua Portuguesa. Brasília: MEC, 1998.
- DEMO, Pedro. **Os desafios da linguagem do século XXI para a aprendizagem da escola**. Palestra, Faculdade OPET, Curitiba, junho de 2008. Acesso pelo site: [www.nota10.com.br](http://www.nota10.com.br).
- GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *In*: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, IPHAN, 1997.
- MACÁRIO, R. O. RODRIGUES, L. P. **Práticas interculturais no currículo da escola**: tecendo os fios e redes do ensino fundamental. IV Colóquio Internacional de Educação, cidadania e exclusão: didática e avaliação. Campina Grande, 2014.

RODRIGUES, Linduarte Pereira. **O apocalipse na literatura de cordel: uma abordagem semiótica**. João Pessoa: UFPB, 2006. (Dissertação de mestrado)

\_\_\_\_\_. **Vozes do fim dos tempos: profecias em escrituras midiáticas**. João Pessoa: UFPB, 2011. (Tese de doutorado)

\_\_\_\_\_. Atitude responsiva na interação verbal: a relevância do contexto para a significação/compreensão leitora. Revista **Linguística aplicada em foco: Práticas e propostas de ensino de língua materna na formação continuada de professores**, Campina Grande, PB: Realize, 2012, p.637-649.

\_\_\_\_\_. **O “entre-lugar” dos folhetos de cordel no século XXI**. In: Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Londrina, PR: Boitatá, 2014, p. 158-176.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

STREET, Brian V. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

VAN LEEUWEN, T. Multimodality. In: SIMPSON, J. (Ed.). *The Routledge handbook of applied linguistics*. New York: Routledge, 2011. p. 668-682.

### **Folhetos**

ASSARÉ, Patativa. **ABC do Nordeste Flagelado**. s/l. s/d.

MARINHO, Tiago. **A Pós-Modernidade ou um mundo desacunhado**. Soledade, 2011.

PERON, João. **As ignorâncias de Seu Lunga**. s/l. s/d.

SÃ DE JOÃO PESSOA. **Seca, fome e miséria**. s/l. s/d.